



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO FUTURO
LEITOR

Débora Pereira de Mattos Vieira

Rio de Janeiro

2016

DÉBORA PEREIRA DE MATTOS VIEIRA

A INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO FUTURO
LEITOR

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras na Habilitação Português/ Latim, sob a orientação da Prof^a Doutora Ana Creliá Dias.

Rio de Janeiro

2016

CIP - Catalogação na Publicação

M435i Mattos Vieira, Débora Pereira de
A INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO
DO FUTURO LEITOR / Débora Pereira de Mattos
Vieira. -- Rio de Janeiro, 2016.
25 f.

Orientador: Ana Creliá Dias.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português - Latim,
2016.

1. Literatura Infantil. 2. Formação do Leitor. 3.
Criança. 4. Leitura. 5. Escola. I. Dias, Ana Creliá
, orient. II. Título.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.

(Coelho, 2000, p. 27)

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família em especial ao meu companheiro e grande incentivador Marcelo, à minha filha Marcela, que é a minha inspiração e fonte inesgotável de energia, e aos meus pais pela compreensão, incentivo, confiança e apoio para que eu pudesse chegar até aqui.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, autor da minha história, por ter iluminado a minha trajetória escolar desde o ensino fundamental ao ensino superior me concedendo coragem e força ao longo da caminhada.

Aos meus pais, Lúcia e Rubem, que mesmo com muitas dificuldades sempre lutaram pela escolarização dos seus quatro filhos, fazendo-nos reconhecer a importância da educação em nossas vidas.

Ao meu querido marido Marcelo e a minha adorada filha Marcela que me deram apoio e incentivo, compreendendo a importância dessa etapa nos momentos em que estive ausente.

À minha orientadora, Ana Crelia, pela acolhida carinhosa, ajuda, atenção e paciência comigo durante a realização deste trabalho.

Às minhas Avós Gelsomina Impronta Vieira pelas histórias contadas na infância e Rosalina Lamon Cintra, (em memória), que sonhava que eu me tornasse professora para ensiná-la a ler e escrever.

A todos os professores e funcionários da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, que direta ou indiretamente, contribuíram com a minha formação durante a minha trajetória acadêmica.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	08
2.	A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL	
	2.1 Crianças e a Experiência com a Literatura	09
	2.2 Contextualização Histórica	10
3.	A ESCOLA E O ENSINO DE LITERATURA INFANTIL	
	3.1 Arte Literária ou Pedagogia?	12
	3.2 Literatura Infantil na Escola	15
4.	PROFESSOR, MEDIAÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA	
	4.1 A Docência na Era da Informação	17
	4.2 A Literatura Infantil Brasileira	20
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

1 INTRODUÇÃO

A imagem da criança ao longo da história encontrou diferentes configurações, durante séculos não se apresentava uma distinção em relação aos adultos. As crianças tinham deveres sociais, trabalhavam, participavam da vida pública e das guerras, as suas aprendizagens aconteciam espontaneamente dentro de um mundo originalmente voltado para os adultos. Como não tinham um conteúdo voltado para elas, o imaginário infantil quase não diferia dos mais velhos.

Mesmo no mundo contemporâneo, aonde a mídia livro vem perdendo a atenção para outros meios, o mundo literário permanece no imaginário da população em geral através de adaptações para o cinema, menções em músicas, entre outras formas de manifestação artística. O imaginário das pessoas está preenchido desse tipo de materialização imagética do fantástico, as nossas vidas de certa forma são tão estáveis que a emoção da literatura acompanha as pessoas da infância até a vida adulta.

A atuação da escola é essencial na democratização da literatura infantil, antes da escola era quase sempre por memória oral, ou pela música. Com a escola, a literatura tem uma nova visibilidade, consegue alcançar um público maior. No século XIX acontecem os primeiros grandes sucessos literários infantis. Como a criança burguesa estava integrada ao contexto familiar, era possível ao público infantil ter acesso a bens de consumo.

As escolas promoveram uma ponte entre os jovens e o conhecimento, a leitura virou um mercado explorado pelos tipógrafos. Se no passado o livro era um objeto apenas de intelectuais, com a tentativa de universalização da alfabetização ele ganha novos adeptos.

O presente estudo objetiva refletir sobre a importância da literatura infantil no processo de formação de alunos leitores, bem como destacar a relevância da escola nesse processo.

2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL

2.1 Crianças e a Experiência com a Literatura

Um dos principais objetivos encontrados no fazer artístico é despertar a consciência crítica da sociedade, com a literatura infantil e sua relação com as crianças, tende a fantasia a satisfazer mais e nem sempre alterar a realidade. Geralmente o enredo e o desenrolar dos fatos buscam realizar uma satisfação premeditada do leitor, criar um vínculo com o íntimo. Todas as características que se espera de um enredo estão nas histórias infantis. Os autores buscam, nos mais variados sentimentos, uma forma de sensibilizar os leitores e a partir da literatura, recorrem a diversas ferramentas para promover uma experiência mais sensorial possível. Para Colomer:

Logo ficou claro que a representação interna dessa estrutura, ou seja, do esquema narrativo, é muito rapidamente dominada em nossa cultura e que o leitor utiliza este conhecimento para entender e recordar as histórias. Applebee (1978) precisou que a aquisição do esquema narrativo se produz nos quatro ou cinco primeiros anos de vida. Durante este tempo as crianças evoluem, primeiro, na capacidade de estabelecer uma simples estrutura associativa entre os elementos da narrativa, até o domínio de uma estrutura baseada em "um personagem a quem acontecem coisas" (COLOMER, 2003, p.85).

A literatura é muito dinâmica. Atréada ao seu tempo está em constante progressão na própria história. A literatura infantil é um bom indicativo do imaginário das sociedades que originalmente pertenceram. Demonstra, entre outras coisas, principalmente, como as crianças eram compreendidas durante a história. Cabe entender que tipo de construção infantil os adultos impuseram ao longo dos séculos e relacionar com a concepção de escola. Quando se aprofunda na relação entre criança e literatura infantil, é relevante compreender que as crianças nem sempre atingem o primeiro objetivo de persuasão de autores e editores. Embora seja um produto destinado para consumo infantil, a seleção, edição e produção estão vinculadas a um acerto complexo no mundo adulto. Para Coelho:

a literatura infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, visto que ela se destina a um leitor especial, a seres em formação, a seres que estão passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida. Daí o caráter pedagógico (conscientizador) que, de maneira latente ou patente, é inerente à sua matéria. E também, ou acima de tudo, a necessidade de ênfase em seu caráter lúdico... Aquilo que não divertir, emocionar ou interessar ao pequeno leitor, não poderá também transmitir-lhe nenhuma experiência duradoura ou fecunda (COELHO, 2000, p. 164).

A literatura infantil deve ser compreendida a partir de sua relação histórica e pode ser relacionada ao cotidiano de quem a experimenta, podendo despertar ainda para a própria produção literária de uma localidade. As manifestações artísticas das comunidades dos alunos de uma aula de literatura podem potencializar um sentimento de interação com o próprio cotidiano. Nos textos literários voltados para o público infantil, é possível que existam vestígios das motivações daquela produção artística, o que permite trazer para a realidade atual, promovendo uma das principais funções da literatura, que é favorecer a construção de nossa sociedade.

2.2 Contextualização Histórica

As crianças eram vítimas da falta de sensibilidade dos adultos no que tange a particularidade do desenvolvimento humano. Os laços afetivos possivelmente não eram suficientes, realidades sociais poderiam remeter uma criança a verdadeiros desafios para a própria sobrevivência. Segundo Aries, essa pouca sensibilidade em relação às crianças será superada apenas no final da Idade Média, onde fatores externos (história, política e cultura) facilitarão uma mudança geral da mentalidade, afetando a compreensão existente de infância:

O espaço social até então regido pela comunidade, que passa a receber interferência do Estado e sua justiça; em segundo lugar, um aumento da alfabetização e a difusão da leitura; um terceiro fator seriam as novas formas de religião que se estabeleceram nos séculos XVI e XVII (ARIÈS, 1992, p. 8).

A partir da ascensão da burguesia e do aumento do número de profissionais liberais, um novo modelo de criação para as crianças começa a surgir. O papel da mãe na criação passa por uma valorização, sendo a principal responsável pela sobrevivência das crianças. A partir do século XVII, a mentalidade protestante e patriarcal se multiplica, surgindo a possibilidade de uma educação religiosa mais rígida ser criada. Segundo Sharf (2010):

Já se verifica um interesse especial pela criança, provocando a edição dos primeiros tratados de pedagogia, escritos pelos protestantes ingleses e franceses. Os manuscritos lidos para as crianças – tais como as vidas de santos – eram voltados para a formação religiosa (SCHARF, 2010).

Os contos de fadas surgem durante o século XVII, na França, através do escritor Charles Perrault, que inspirado em narrativas populares destaca os valores comportamentais da classe burguesa em ascensão na época. Os livros infantis produzidos especificamente para crianças ganharam popularidade apenas ao longo do século XVIII. Desde as primeiras edições, os conteúdos são produzidos em geral por profissionais ligados à educação, demonstrando uma afinidade de sempre entre a escola e literatura infantil. Segundo Colomer:

Os critérios de avaliação da qualidade reproduziram os da crítica da literatura para adultos e a literatura infantil foi colocada em posição de subordinação. Algumas dessas obras parecem ter aceito o fato de que o material literário e seu destinatário implicavam um tipo de crítica diferente do habitual em estudos de história literária, mas as únicas diferenças incorporadas foram a atenção em relação ao tema da moralidade e da finalidade educativa da literatura para crianças (COLOMER, 2003, p.37).

A institucionalização da educação reduz a importância progressivamente da tradição oral, um mercado de consumo voltado para as crianças desperta, e a literatura está inclusa nas necessidades materiais. As propostas de universalização da educação e obrigatoriedade da alfabetização despertam ainda mais o interesse pela leitura, com uma geração de adaptações para as crianças de livros originalmente produzidos para adultos. A leitura passa a influenciar a sociedade que se expandia alicerçada na Revolução Industrial que

deixava marcas na estrutura da sociedade, entre elas a necessidade de se preocupar com a infância.

3 A ESCOLA E O ENSINO DE LITERATURA INFANTIL

3.1 Arte Literária ou Pedagogia

Os avanços tecnológicos e científicos interferiram na política, a democracia avançava promovendo também a participação popular, todo um novo saber é concebido, a escola passa a ser intermediária entre as crianças e a cultura, nesse período a leitura ganha um destaque enorme.

Obras como Contos de Grimm, compilavam centenas de histórias populares que vieram a ficar no imaginário do mundo ocidental. Outro autor que se destaca no século XIX é Hans Christian Andersen, voltado para os contos de fadas conseguiu bastante notoriedade. Segundo Silva (2016):

Nessas duas dezenas de narrativas, não há propriamente contos de fadas (conto maravilhoso em que as fadas aparecem). A maioria são contos de encantamento (estórias que apresentam metamorfoses ou transformações, por encantamento) ou contos maravilhosos (estórias que apresentam o elemento mágico, sobrenatural, integrado naturalmente nas situações apresentadas). Apresentam também algumas fábulas (estórias vividas por animais); lendas (estórias ligadas ao princípio dos tempos ou da comunidade e nas quais o mágico ou o fantástico aparecem como “milagre” ligado a alguma divindade); contos de enigma ou de mistério (estórias que têm como eixo um enigma a ser desvendado); e contos jocosos (ou faceciosos, humorísticos, divertidos...). (SILVA, 2016, p.15)

Existe uma discussão a que tipo de ambiente seria mais adequado para a literatura infantil habitar: dentro da arte literária ou da pedagogia, sendo recomendável a interdisciplinaridade. A simples dúvida demonstra a relevância desse tipo de produção. Independente da abordagem escolhida, o propósito é sempre estimular a consciência crítica das crianças, sua criatividade, além de facilitar a inserção na sociedade. Para Colomer:

A polêmica sobre o caráter literário ou espúrio da literatura infantil se manteve até os anos setenta. Na realidade, uma grande parte dos mesmos autores que defendiam a existência dos livros infantis aceitava, quase sem perceber, os argumentos da posição contrária, no momento de responder a outro antigo problema: o de que critérios deve-se ter em conta para a crítica e avaliação dos livros destinados a crianças e jovens. (COLOMER, 2003, p.46).

Enquanto no nascimento da literatura infantil na Europa a literatura oral serviu de base para as narrativas infantis, no Brasil a cultura popular ficou negligenciada diante de reproduções da realidade das crianças estrangeiras. Uma teorização maior a respeito da literatura infantil surgiu a partir da década de 1970, com a literatura infantil fazendo parte dos cursos de formação de professores e com a expansão dos cursos de pós-graduação.

Segundo Colomer, Soriano foi um dos primeiros autores a desenvolver uma teorização sobre a literatura infantil, inserindo-a numa modalidade de comunicação humana aonde o escritor adulto (emissor) se relaciona com uma criança leitora (receptor).

O gênero Literatura Infantil surgiu no Brasil nas últimas décadas século XIX. Quase sempre em livros voltados para distribuição em escolas, eram traduções ou adaptações de livros clássicos europeus. A intenção das publicações dessa época é reproduzir o sentimento de modernização que tomava conta da recém-república. A escolarização de massas favoreceu a distribuição de livros infantis, para Arroyo (2011), a literatura escolar foi essencial para o processo de desenvolvimento da literatura infantil nacional.

A obra considerada seminal é *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, autor que acabou por ser um dos mais influentes da literatura infantil brasileira. Entre as virtudes de Lobato, estava a capacidade de atrair a atenção do leitor infantil sem se perder no caráter utilitarista de outras obras de autores contemporâneos a ele. Para Arroyo (2011), embora estreando na literatura escolar com *Narizinho arrebitado*, Lobato trazia em seu primeiro livro as bases da literatura infantil brasileira:

- o apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional;
- a movimentação dos diálogos,
- a utilização ampla da imaginação,
- o enredo,
- a linguagem visual e concreta,
- a graça na expressão (ARROYO, 2011, p. 281).

Segundo Coelho, Lobato se assemelhava a Carroll no encantamento infantil de suas histórias:

eles se sentiam identificados com as situações narrativas; sentiam-se à vontade dentro de uma situação familiar e afetiva, que era subitamente penetrada pelo maravilhoso ou pelo mágico, com a mais absoluta naturalidade. Tal como Lewis Carroll fizera com Alice no País das Maravilhas, na Inglaterra de cinquenta anos antes, Monteiro Lobato o fazia no Brasil dos anos 20: fundia o Real e o Maravilhoso em uma única realidade (COELHO, 2010, p. 250).

Lobato representava uma soma de valores temáticos e linguísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil. Essa intenção de uma literatura infantil voltada para aspectos morais e nacionais só será superada em parte a partir da década de 1970, com uma atitude de contestação ao status quo mais presente. Para Colomer:

A polêmica aberta pela oposição da literatura infantil a determinadas definições do termo "literatura" foi se apagando nos últimos anos. A partir das novas contribuições da teoria literária da década de oitenta, temos assistido, progressivamente, ao abandono do debate de confronto para caminhar, mais produtivamente, em direção à delimitação e fundamentação "positiva" dos parâmetros teóricos de um corpus literário definido por seu receptor ideal (COLOMER, 2003, p.53).

Na década de 1990, outra transformação acontecerá, promovendo uma maior relação entre literatura infantil e escola, com as orientações educacionais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, vigentes a partir de 1998, e que favoreceu a publicação de livros infantis com valores inovadores a respeito da pluralidade cultural, sexualidade e meio ambiente.

3.2 Literatura Infantil na Escola

Atualmente, a literatura infantil é mais difundida nas salas de aula, principalmente em escolas públicas assistidas por programas educacionais que distribuem livros. Seguindo uma tendência inclusiva, o assunto mais relevante mencionado para ser abordado nas escolas a partir da literatura infantil é a questão da diversidade. Para Colomer:

A defesa do folclore e do valor educativo da fantasia teve também grandes repercussões no campo da produção. A criação da chamada "nova fantasia" caracteriza uma grande parte de livros infantis modernos e foi utilizada com múltiplos propósitos. Algumas das tendências desenvolvidas neste quadro provocaram novas polêmicas sobre a articulação entre funções literárias e educativas da literatura para crianças, acusando-as de constituir um "novo didatismo" da literatura infantil (COLOMER, 2003, p.148).

Demonstrar como os preconceitos não são uma maneira adequada de julgamento do que é singular parece ser um caminho consistente para a literatura infantil escolar. Buendgens & Carvalho demonstram como os livros ofertados pelo Estado para as escolas públicas nos últimos anos abordam assuntos como comportamento, deficiência e sociedade. Escolher um livro para ser recomendável às crianças lerem, depende de critério, a literatura infantil estar presente nas escolas está relacionada a questões pedagógicas também, se considerarmos esse fator, nem sempre é obrigatório uma obra possuir valor literário, desde que se pretenda a ensinar seria um lado dos argumentos apresentados.

Adotar critérios subjetivos para avaliar a qualidade das obras não é uma das intenções da presente trabalho, existe toda uma longa incorporação dos temas trabalhados pelo gênero literário sobre a cultura de massas. Como a infância demorou em se firmar como objeto para autores estritamente infantis, também um longo processo histórico existe para firmá-la como prioritária nas preocupações da sociedade. A valorização da literatura eleva a percepção dos

alunos em relação à comunicação e humaniza o ambiente de sala de aula.
Para Candido (2011):

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

A literatura infantil promove a reflexão. A consciência e o autoconhecimento são possíveis, visto que as narrativas têm o potencial de auxiliar na construção do sujeito. A característica de transformar o ambiente de sala de aula num lugar mais humanizado e terapêutico também é um argumento a favor da literatura como ferramenta pedagógica. As narrativas mais cuidadosas permitem expor possíveis conflitos emocionais existentes na criança que podem ser trabalhados por ela própria. Segundo Arroyo:

há uma riqueza enorme no Brasil de livros para crianças, e seu valor se expressa pelas numerosas traduções de obras de Monteiro Lobato, pela projeção do teatro infantil de Lúcia Benedetti e Maria Clara Machado no exterior, e, agora, pelo reconhecimento, na Inglaterra, na Hungria, Espanha e África do Sul, dos trabalhos de Francisco Martins, para cujas línguas foram traduzidas (2011, p. 305).

A Literatura Infantil é uma ferramenta eficaz para ser utilizada pelos educadores durante o período de desenvolvimento das crianças, desperta laços afetivos e age sobre o cognitivo. Permite crianças com melhor vocabulário, auxilia na construção de identidades, a lógica está envolvida na própria compreensão do enredo apresentado, a moral contida no desfecho da estória, despertando para as consequências dos atos, colocando elementos como princípios morais. Para Colomer:

A literatura, precisamente, é um dos instrumentos humanos que melhor ensina “a se perceber” que há mais do que o que se diz explicitamente. Qualquer texto tem vazios e zonas de sombra, mas no texto literário a elipse e a confusão foram organizadas deliberadamente (2007, p. 70).

4 Professor, Mediação e a Prática Pedagógica

4.1 A Docência na Era da Informação

A escola detinha certa exclusividade na transmissão do saber, com a internet, acaba ficando em segundo plano nos interesses dos alunos. O tamanho da produção que não depende da escola para alcançar o imaginário das crianças é tão grande, que qualquer sugestão de leitura realizada por um professor pode parecer irrelevante. Segundo Colomer:

Para a escola, as atividades de compartilhar são as que melhor respondem a esse antigo objetivo de “formar o gosto” a que aludimos; porque comparar a leitura individual com a realizada por outros é o instrumento por excelência para construir o itinerário entre a recepção individual das obras e sua valorização social (2009, p. 144).

Como fazer retornar o interesse dos alunos frente uma disseminação de conteúdos desenfreada, em sites como You Tube, reduzindo os interesses às páginas de um livro de literatura infantil. Mesmo em sala de aula é difícil dividir as atenções com o mundo virtual, considerar o livro literário apenas uma distração é algo que pode distanciar ainda mais os alunos. Os alunos tem que encontrar motivação para um mergulho numa obra mais hermética do que estaria acostumado.

O texto literário sozinho não possui poderes para transformar o ambiente escolar, nem o mundo. A prática educacional com livros tem o potencial de despertar leitores entre os educandos, mas esse potencial esbarra na própria mercantilização da arte que impede muitas vezes as crianças de terem acesso aos melhores títulos. Segundo Brayner, a arte possui um caráter mercantil que:

apenas parcialmente (...) pode ser manipulada, porque a produção e a reprodução da arte, na sociedade industrial, não chega jamais a determinar a forma da recepção: esta não é um consumo passivo, mas uma atividade estética dependente da aprovação ou de recusa, e, por essa razão, em grande parte

não submetida ao cálculo mercantil. (BRAYNER, 2005 p.66).

Brayner (2005) ressalta ainda a situação recorrente de transformar a literatura como ferramenta da pedagogia ou utilizar a própria pedagogia para produzir uma obra de literatura infantil. A junção de dois mundos distintos embora seja uma ideia valorosa esbarra no fato de que nem sempre é possível, através das possibilidades estéticas da literatura, melhorar a humanidade mediada pela educação a partir de um ambiente ficcional.

O perigo mercantil talvez não seja o bicho de sete cabeças, existem outros perigos de se utilizar a literatura infantil como ferramenta pedagógica. Ao tentar expor o enredo de um conto de fadas de forma excessivamente didática, um docente pode reduzi-lo a uma peça moralizadora. O pior é direcionar os significados contidos nos livros como se fossem os mais adequados, as crianças possuem discernimento para absorver o mais relevante para elas naquele momento.

Segundo Teberosky e Colomer (2003), as crianças possuem competência a partir dos quatro anos para conjecturar as possíveis continuações para um enredo, e ainda consegue relacionar a trama à própria vida. Essa constatação demonstra a importância de expor as crianças a um material didático com literatura infantil apropriado, favorecendo o desenvolvimento cognitivo das mesmas e inserção social através da comunicação.

A qualidade da exposição de um material impresso apropriado pode acontecer em diferentes momentos: durante a aula de português, durante atividade externa à sala de aula, no retorno do recreio. Não é difícil constatar que as crianças expostas a um ambiente mais favorável à leitura apresentam melhor competência linguística. Para Colomer:

Esta nova linha de pensamento foi enormemente valorizada, durante a década de sessenta, pela difusão da obra do psicolinguísta Vigotsky, assinalando que o papel da linguagem, como instrumento essencial para a aprendizagem, havia sido tremendamente subavaliado. Durante os anos sessenta e setenta divulgaram-se as teorias de Vigotsky (1978) e tentou-

se uma descrição dos processos mentais de construção do significado, a partir da ideia de que o jogo e a linguagem representam a capacidade humana mais decisiva para transcender seu "aqui e agora", com a finalidade de construir modelos simbólicos que permitam entender melhor o mundo (COLOMER, 2003, p.83).

As deficiências apresentadas por crianças com pouco acesso doméstico à leitura podem ser resolvidas a partir de práticas pedagógicas que reduzam o fracasso escolar. A escola e o projeto educacional público que são responsáveis por uma geração afastada da leitura, justificar atribuindo parcela de culpa aos familiares ou à carência cultural, faz um problema não ter responsáveis. Segundo Garcia:

Mediar a leitura é estar no meio de uma atividade essencial à escola, à vida, sem tomar nas mãos as rédeas do processo, como se fosse o professor o único a saber o caminho; é estar presente mesmo que sutilmente ausente; é saber que o ato de ler é condicionado por condições e características psicológicas, sociais, econômicas e intelectuais de cada indivíduo e, nesse sentido, cada leitura faz parte de um todo maior (1992,p. 37).

As narrativas literárias permitem um tipo de experiência única, melhoram a argumentação, diversos autores defendem a importância de se apresentar livros a bebês, a primeira infância é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, existem vantagens em curto e longo prazos. Segundo Bruner (2002), a literatura infantil e suas narrativas possibilitam uma organização das experiências de mundo, semelhante ao que ocorre na Psicanálise, com o processo de narração da própria existência como terapia. A autora identificou diferenças marcantes entre os bebês que ouvem histórias e os que não têm acesso a esse tipo de produção artística. A leitura também permite aos adultos interagir melhor com as crianças, “o livro é um excelente instrumento para facilitar a relação, ele favorece a transmissão cultural entre os familiares e as crianças e é um apoio a integração” (p. 33).

A experiência lúdica com os livros permite um canal de aprendizagem, despertando em crianças elementos para enriquecer a imaginação, além de facilitar a socialização. A literatura infantil desperta o interesse e favorece a competência pela linguagem escrita, mas será o despertar como ouvintes das

histórias, através da oralidade, ainda nas primeiras fases da infância, o primeiro passo do desenvolvimento. Para Colomer:

As interpretações a partir do campo da psicologia colaboraram estreitamente com alguns dos pressupostos fundamentais que acabamos de citar. O folclore não supõe só ordenação cultural do mundo, mas também resposta à necessidade psíquica de fazê-lo e, além disso, formas terapêuticas de resolução dos conflitos psicológicos dos indivíduos (COLOMER, 2003, p.60).

4.2 A Literatura Infantil Brasileira

A literatura infantil brasileira teve influências de diferentes matrizes culturais, como a europeia, a africana e a nativa americana. A riqueza da oralidade dessas diferentes fontes de informações acarretou uma produção bastante original no país. Enquanto ocorriam traduções de clássicos estrangeiros, também existiam iniciativas locais, como jornais infantis, em São Paulo, se destacaram as publicações de O Caleidoscópio, durante a década de 1860. O Rio de Janeiro possuía a revista infantil Tico-Tico, bem avaliada e que teve circulação a partir da primeira década de 1900.

Monteiro Lobato e um pouco mais tarde autoras como Cecília Meireles e Clarice Lispector buscaram um diálogo com as crianças. A partir da década de 1970, autoras como Ruth Rocha e Ana Maria Machado aderiram a uma literatura infantil cheia de metáforas, seguindo a tendência de uma época onde o artista tinha que se esquivar da censura na ditadura militar.

Os contos de fadas possuem grande influência na literatura infantil desde as primeiras gerações de sucessos, conseguiram preencher uma lacuna em relação ao lúdico. Como os contos de fadas são um gênero desenvolvido para as crianças, não demoraram em atrair um número maior de adeptos dessa faixa etária, Andersen, Grimm e Perrault são os pilares das primeiras obras da literatura infantil como um produto em si voltado para as crianças. Segundo Silva (2016):

durante muito tempo a Literatura infantil teve na oralidade do povo sua forma de transmissão das histórias que eram criadas por eles. Dessas narrativas primordiais orientais nascem, pois, as narrativas medievais arcaicas, que acabam se popularizando (na Europa e depois em suas colônias americanas, como o Brasil) e se transformando em literatura folclórica (ainda hoje viva, entre nós, circulando principalmente no Nordeste, através da 'literatura de cordel') ou em literatura infantil (através dos registros feitos por escritores cultos, como Perrault, Grimm, etc.) (SILVA, 2016, p.12).

Segundo Arroyo (2011, p. 50), “os livrinhos escolares do século XIX aproveitavam muito as fontes eruditas, principalmente as europeias, quando começaram a aparecer no Brasil as primeiras traduções dos fabulistas e contadores de histórias para crianças de vários países europeus”. Os contos de fadas são derivados de uma cultura popular oral, a fantasia e as aventuras têm o poder de introduzir as crianças no mundo da literatura. O êxito comercial pode estar relacionado com o fato de que na Europa, a escola passou a ser obrigatória e gratuita, em parte do continente as crianças não precisam mais trabalhar. O acesso à literatura foi acompanhado de uma aparente campanha voltada para o público infantil, com conteúdos morais, eram como guias para a criança se preparar para crescer e virar adulto. O público juvenil brasileiro sofria com a carência de títulos voltados especificamente para a faixa etária, apenas no século XX ocorrerá uma expansão no número de títulos publicados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem gêneros específicos dentro da literatura infantil, como os contos de fadas, que há muito tempo acompanham as crianças e suas relações com os livros. Essas histórias muitas vezes já estão no imaginário antes de seu primeiro contato com livros, absorvido da oralidade de seu ambiente de convívio. Embora relevante para a formação do leitor, a literatura infantil esbarra numa aparente crise que o mercado editorial passa, com o livro sendo obrigado a competir com novas mídias, como jogos eletrônicos e redes sociais. A maneira encontrada para a literatura infantil apresentar um vigor dentro de um contexto de alta competitividade é adaptando-se a esta realidade, uma vez

que pode ser considerada uma arte abrangente, reconhecendo a faceta humana sob diferentes perspectivas.

Um dos artifícios mais utilizados pelos autores é a provocação em relação ao leitor. O autor destaca a importância da experiência para o leitor, a aventura consegue agir sobre a imaginação infantil. A fantasia da criança tem esse tipo de liberdade que a aventura causa ao íntimo, isso acontece desde os primórdios da civilização onde histórias começaram a ser transmitidas oralmente. Essa tradição oral é uma das inspirações encontradas na literatura infantil, com forte carga moral, esse tipo de história transmitida entre gerações guarda conhecimentos que se adaptam com o tempo.

Um ensino que valorize a comunicação e a expressão deve incluir em suas salas de aula textos dos mais diferentes universos, não se restringir aos textos literários, possuindo também periódicos de notícias, textos da área de informática, manuais entre outros tipos de publicações. Mas sem dúvidas é necessário dar certa prioridade e atenção às obras de literatura infantil. Os textos infantis merecem essa atenção que se justifica pela importância de se trabalhar o lúdico na infância.

Ao longo do estudo destacou-se a relevância da literatura infantil na formação de leitores. Foi possível conhecer um pouco do panorama histórico e a valiosa colaboração que grandes autores deram para que o gênero se expandisse. Pode-se concluir que a literatura infantil contribui para a formação de leitores estimulando a sua criatividade e instigando a produção de novos conhecimentos.

Partindo do pressuposto de que o trabalho com a literatura infantil estimula a produção do conhecimento, espera-se que este transforme a relação da criança com o mundo, visto que a criança é um sujeito atuante capaz de compartilhar no meio em que vive todo conhecimento adquirido.

Foi muito enriquecedor trabalhar a temática, pois permitiu analisar diversos aspectos e diferentes contribuições que o trabalho com a literatura

infantil possibilita. As reflexões apresentadas são apenas o início de um estudo que precisa ser aprofundado de forma a especificar mais detalhadamente os impactos da literatura infantil no processo de desenvolvimento da criança dentro e fora da rotina escolar.

REFERÊNCIAS:

ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de Andersen**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1992.

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. 3. ed. rev.. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

BRAYNER, Flávio Henrique Albert. Como Salvar a Educação (e o sujeito) pela literatura: Sobre Philippe Meirieu e Jorge Larrosa. **Revista da ANPED**, Rio de Janeiro: N o 29 p. 63-72. maio-jun. jul.ago. 2005.

CANDIDO A. O direito à literatura. In: **Candido A. Vários escritos**. São Paulo: Ouro sobre azul; 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

COLOMER, Tereza. **A Formação do Leitor Literário: Narrativa Infantil e Juvenil** Atual. Global. São Paulo, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2009.

GARCIA, E. G. **A leitura na escola de 1º grau: por uma outra leitura da leitura**. São Paulo, Loyola, 1992.

SCHARF, R. F. **A Escola e a Leitura. Prática Pedagógica da Leitura e Produção Textual**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2010

SILVA, Vânia Maria da. **A Literatura Infantil em Sala de Aula: Verificando as formas de abordagens**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Instituto de Educação. Lisboa, 2016.

TEBEROSKY, Ana & COLOMER, Tereza. **Aprender ler e escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.